



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

DAIANE DA SILVA XAVIER

**CARTA PESSOAL NA ESCRITA INTERGERACIONAL CRIANÇAS E IDOSAS:
Tecendo memórias, traçando textos**

CAMPINA GRANDE, PB

2019

DAIANE DA SILVA XAVIER

**CARTA PESSOAL NA ESCRITA INTERGERACIONAL CRIANÇAS E IDOSAS:
Tecendo memórias, traçando textos**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago.

CAMPINA GRANDE, PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

X3c Xavier, Daiane da Silva.

Carta pessoal na escrita intergeracional crianças e idosas [manuscrito] : tecendo memórias, traçando textos / Daiane da Silva Xavier. - 2019.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago , Departamento de Educação - CH."

1. Aprendizagem continuada. 2. Convivência intergeracional. 3. Escrita intergeracional . 4. Formação docente. I. Título

21. ed. CDD 370

DAIANE DA SILVA XAVIER

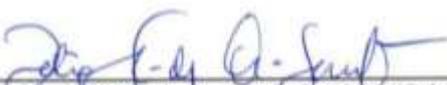
CARTA PESSOAL NA ESCRITA INTERGERACIONAL CRIANÇAS E IDOSAS:
Tecendo memórias, traçando textos

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

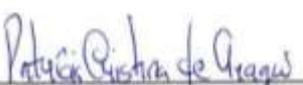
Área de concentração: Educação

Aprovado em: 25/11/2019.

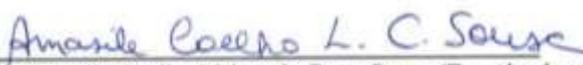
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. M^c. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 IDOSOS NA SOCIEDADSE: Demandas sociais	7
2.2 EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL: Interlocução comunidade e escola.....	9
2.3 CARTA PESSOAL NA COMUNICAÇÃO INTERGERACIONAL.....	10
3 METODOLOGIA.....	11
3.1 <i>LOCUS</i> E PARTICIPANTES DA PESQUISA	12
3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA E DADOS DE ANÁLISE	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	15
4.1 ESCRITA INTERGERACIONAL: Entrelaçando vozes da comunidade na escola	15
5 CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS	23
APÊNDICE A- CONVITE PARA AVÓ	26
APÊNDICE B – CONVITE PARA OS PAIS	26

CARTA PESSOAL NA ESCRITA INTERGERACIONAL CRIANÇAS E IDOSAS:
Tecendo memórias, traçando textos

Daiane da Silva Xavier¹

RESUMO

A discussão deste artigo insere-se no campo da educação intergeracional, notadamente na análise de narrativas intergeracionais produzidas por crianças e idosas registradas em situações de fala e escrita geradas no Projeto de Iniciação Científica “Narrativas de Idosas e Aprendizagem Intergeracional: Da Escuta Rascunho as Palavras Cunhadas em Texto” (PIBIC, 2017-2018). Neste recorte temático, têm-se como referência de análise narrativas sobre brinquedos e brincadeiras antigas e atuais evidenciadas na produção do gênero textual carta pessoal entre criança e idosas, verificando-se evidências de suas aprendizagens intergeracionais, além do aprendizado da língua por meio da reescrita textual em sala de aula. Tem-se como apoio teórico-metodológico as contribuições de Bakhtin (2003), Marcuschi (2008) ao tratarem dos gêneros discursivos em diálogo com Marangoni (2011) que discute a aprendizagem intergeracional. Também, considerando-se as colocações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs, 2013), sobretudo o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003) por exigir a inserção do tema envelhecimento no conteúdo escolar, a exemplo da preservação da memória das pessoas idosas por meio de suas narrativas. Como resultado, verificou-se diferentes aprendizagens intergeracionais relacionadas aos brinquedos (bonecas de tijolo, sabugo, casca de melancia) e brincadeiras antigas (cadê o grilo? passar o anel, cantigas rodas etc.), bem como as atuais (carro de controle remoto, tablet etc.), além do respeito à pessoa idosa. Quanto à aquisição da língua escrita, observou-se a reaprendizagem ortográfica (emprego das letras maiúscula e minúscula, uso das letras *s* e *z*), concordância verbal e nominal, pontuação e acentuação gráfica. Este trabalho suscita discussões acerca da aprendizagem ao longo da vida, a educação intergeracional e a formação docente inicial e continuada

Palavras-chave: Aprendizagem continuada. Convivência intergeracional. Formação docente.

¹ Graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I, sob orientação da profa. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago.
E-mail: daianesxavier@hotmail.com

PERSONAL CHARTER IN THE INTERGENERATIONAL WRITING CHILDREN AND
ELDERLY: Weaving memories, tracing texts

Daiane da Silva Xavier

ABSTRAC

The discussion in this article is inserted in the field of educational intergenerational, and this discussion is notably in the analysis of the intergenerational narrative produced by children-elderly registered in the speech and written bring forth Projeto de Iniciação Científica “Narrativas de Idosas e Aprendizagem Intergeracional: Da Escuta Rascunho as Palavras Cunhadas em Texto” (PIBIC, 2017-2018). In this thematic cropping, we have as reference analysis of the narratives about toys and old plays and the new shreds of evidence in the production of a textual genre (personal letter) between children and elderly, we can verify pieces of evidence in their intergenerational learning, as the learning of the language through the textual rewriting in the classroom. We have as theoretic and methodologic support the contributions of Bakhtin (2003), Marcuschi (2008) to talk about the discursive genres in the dialogue keeping a link with Marangoni (2011) that discusses intergenerational learning. Also, taking into account the Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs, 2013), beyond the Statute of the Elderly (Lei nº 10.741/2003) to demand the insert of the theme “aging” in school content, like the memory preservation of the elderly people by their narratives. As a result, we verified different intergenerational learning connected with toys (brick dolls, cob, watermelon rind) and as old plays (where is the grasshopper? Pass the ring, songs wheels, etc), and the new ones (remote control car, tablet etc), and the respect with the elderly. Regarding the language writing acquisition, we noticed that the relearning orthographic (how to use the upper and lower case letters, the use of s and z), verbal and nominal concordance, punctuation and graphic accentuation. This paper raises discussions about learning beyond life, intergenerational learning, and the formation of initial and in-service teachers.

Keywords: Key-words: Continuous learning. Intergenerational coexistence. Teacher training.

INTRODUÇÃO

O crescente aumento da expectativa de vida faz parte do contexto social atual do Brasil, uma realidade que exige elaboração e implementação de Políticas Públicas face às demandas socioculturais das pessoas idosas²: “O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (Lei nº 10.74/2003), Artigo 20. Apesar da existência de Leis como esta, que respaldam os direitos dos idosos e que reforça a Constituição Federal de 1988, Capítulo I, Art. 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”³, ainda tem muito a se discutir sobre o idoso na sociedade e de sua relação com as demais gerações, tendo em vista que ele é alvo de preconceito em detrimento à sua identidade. Um dos fatores que sucedem essa prática é a imagem distorcida do idoso na contemporaneidade, ainda percebido como um ser frágil, doente e incapaz (TODARO, 2009). Atualmente, um meio para essas propagações ilusórias é a mídia, tendo em vista que os conteúdos televisivos, que são aparentemente atrativos, são sobrecarregados por representações distorcidas e severas do envelhecimento, os quais intervêm na concepção e contato com outras faixas etárias, como também influenciam nos currículos mínimos da educação formal; tendo em vista que as escolas também aderem os estereótipos negativos da velhice, através de reproduções preconceituosas no Livro Didático, da exclusão dos idosos no ambiente escolar e por não os considerar importantes para o ensino e aprendizagem do alunado. Ao invés disso, deveriam confrontar as associações relativas à velhice, para que haja igualdade, respeito, empatia entre as gerações, tendo em vista seu: “compromisso de formar cidadãos, pessoas comprometidas com a compreensão, a crítica e a transformação da realidade sociocultural” (MARANGONI, 2011, p. 44).

O interesse pela temática educação intergeracional partiu do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 2017/ 2018) “Narrativas de Idosas e Aprendizagem Intergeracional: Da Escuta Rascunho as Palavras Cunhadas em Texto”, o qual fui aluna bolsista por dois anos consecutivos. Coordenado pela professora doutora Zélia Maria de Arruda Santiago, este tem o intuito de aproximar diferentes gerações (criança e idosas) nos espaços de uma escola Municipal e de um Grupo de Convivência Clube de Mães, localizados em Campina Grande, PB. Com ele, repensa-se a convivência com as pessoas idosas por meio das aprendizagens intergeracionais compartilhadas nas interações de textos orais e escritos. Após participar desse Projeto de Pesquisa e realizar leituras sobre a aprendizagem intergeracional nos currículos escolares (KACHAR, 2001; MARANGONI, 2011), como também sobre as demandas sociais e educacionais das pessoas idosas, através do Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003), surgiram as seguintes questões: (i) De que maneira a Universidade proporciona a aprendizagem intergeracional entre criança e idoso na comunidade? (ii) De que forma a criança e o idoso podem aprender por meio da escrita intergeracional?

Estas questões inspiram o objetivo geral desta pesquisa que é analisar cartas pessoais, produzidas por crianças e idosas com a temática brinquedos e brincadeiras antigas e atuais, verificando-se registros de aprendizagens intergeracionais e da língua por meio da reescrita textual na sala de aula. Acredita-se na hipótese de que os Programas Intergeracionais oferecidos pela universidade aproximam gerações tendo em vista a valorização do respeito aos idosos no convívio intergeracional realizado por meio da língua escrita. Desse modo, tendo-se como objetivos específicos: (i) Oportunizar encontros intergeracionais entre crianças e idosas no Centro de Convivência “Clube de Mães”; (ii) Discutir a temática brinquedos e brincadeiras antigas e atuais no diálogo intergeracional; (iii) Proporcionar as crianças-idosas a produção do gênero textual carta pessoal na escrita intergeracional, ao registrarem suas aprendizagens

¹ Preti (1991) traça uma divisão entre idosos jovens, 60-80 anos e idoso velho, acima de 80.

³ Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 10 de outubro de 2019

compartilhadas no Grupo de Convivência “Clube de Mães”; (iv) Proporcionar a reescrita do gênero textual carta pessoal com os alunos do 5º ano em sala de aula, focalizando desvios gramaticais da língua; (v) Reconhecer as narrativas intergeracionais, registradas em uma cartilha impressa e doada ao arquivo escolar, como suporte didático-pedagógico ao ensino da língua e a valorização das pessoas idosas na sociedade.

A justificada para a continuação da linha de pesquisa do Projeto “Narrativas de Idosas e Aprendizagem Intergeracional: Da Escuta Rascunho as Palavras Cunhadas em Texto”, dá-se quando da oportunidade de estagiar em escolas públicas, pude observar o silenciamento do idoso nos currículos mínimos para com o ensino formal, como também no cronograma de atividades de cursos extensivos, voltados à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e pela carência de pesquisas com a temática escrita intergeracional no ambiente escolar, inspirada na interlocução escola-comunidade como fonte potencializadora de integração entre gerações.

Tem-se como apoio teórico-metodológico as contribuições de Bakhtin (2003), Marcuschi (2008) ao tratarem dos gêneros discursivos em diálogo com Marangoni (2011) que discute a aprendizagem intergeracional. Também, considerando-se as colocações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs, 2013), sobretudo o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003) por exigir a inserção do tema envelhecimento no conteúdo escolar, a exemplo da preservação da memória das pessoas idosas por meio de suas narrativas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 IDOSOS NA SOCIEDADE: Demandas sociais

Pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam que o Brasil, aos poucos, está deixando de ser um país jovem, devido ao crescente aumento da população idosa⁴. Estudos mostram que em 2025, 15% do corpo social será composto por pessoas acima de 60 anos⁵. Infelizmente, este percentual não acompanha a qualidade de vida oferecida a essa faixa etária (SOUZA, 2016), nem tão pouco o empoderamento, o respeito e a valorização. O que se nota é que ser velho está associado apenas a imagens negativas (PRETI, 1991). Basta imaginarmos um diálogo em que um dos interlocutores se refere ao outro de senhor/senhora, imediatamente os conhecimentos prévios sobre a velhice são acionados, causando repulsa e não aceitabilidade. No entanto, o que muitos não sabem é que esse termo, segundo a *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (CEGALLA, 2002), concerne-se a um dos pronomes de tratamento, altamente empregado com valor de respeito e de hierarquia.

Neste seguimento, os rótulos disseminados sobre o envelhecimento prejudicam tanto a perspectiva do jovem à velhice, quanto a perspectiva do idoso a si próprio, o que pode influenciar diretamente ao seu modo de viver e de sentir a vida, como afirma Faria e Nicolino:

Uma pessoa aos 70 anos que vive em uma comunidade que a vê como inútil dificilmente conseguirá evitar essa sensação, uma vez que sua comunidade não lhe dará condições de se sentir produtivo. Todo tipo de preconceito acarreta prejuízos, e no caso de uma pessoa idosa que está passando por uma fase de sua vida em que todo o seu modo de pensar e de viver o cotidiano precisa ser revisto por imposição de mudanças físicas e sociais não é diferente (2014, p. 45).

⁴ Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=o-que-e>> Acesso em: 04 de agosto de 2019.

⁵ Disponível em: <<https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/revista-em-discussao-edicao-agosto-2010/materias/ao-contrario-de-outros-paises-brasil-nao-se-preparou-para-envelhecer.aspx>>. Acesso em: 04 de agosto de 2019.

Neste viés, a marginalização do idoso na sociedade se estende em conformidade com o contexto familiar, através de práticas de preconceito e de abandono⁶, visualizados por condutas abusivas; privatização à realidade doméstica; distanciamento entre os dormitórios; exclusão das rodas de conversas e dos assuntos que requerem decisões conjuntas (FARIA e NICOLINO, 2014). Estes empasses relacionados à velhice mostram que um indivíduo é discriminado em consequência à sua idade (PRETI, 1991), tanto que, a valorização social, midiática, trabalhista é altamente influenciada pelo tempo cronológico de vida, como, por exemplo, nas indústrias, os velhos não são tão requisitados quanto os novos, e nos tempos de dificuldades são obrigados a aceitarem salários inferiores, propostas indignas, as quais prejudicam à saúde (BOSI, 1987). O que contrapõe o capítulo VI, artigo 26 do Estatuto do Idoso: “O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas”.

Diante deste censurável contexto, observamos que a figura do jovem se sobressai a do velho, principalmente nas sociedades capitalistas, onde há predominância do consumo e da produção acelerada. Tal impasse contra a velhice “veem relegados ao afastamento, mas atenta também contra a sociedade, que não aproveita o cabedal de experiências dos mais velhos” (TODARO, 2009, p.12). Por isso, Preti (1991) afirma que, a relutância do envelhecer implica na perda de identidade, tendo em vista que, antes desse processo, os idosos tinham profissão e *status*, mas, ao pertencerem a esta categoria social⁷ tornam-se “simplesmente ‘um velho’, um homem em busca de um novo papel social, que sempre se lhe afigurará indefinido” (1991, p.22).

Diante desta afirmativa, vale ressaltar que, esses efeitos preponderantes, de teor negativo são incoerentes e desumanos, visto que, o envelhecimento faz parte do desenvolvimento natural da vida, que alcança, inevitavelmente, os indivíduos, “um processo que se inicia desde o momento do nascimento e segue até a morte da pessoa; percorre toda a História da humanidade, apresentando características diferenciadas de acordo com a cultura, tempo e espaço” (MOTA, 2006 *apud* FARIA e NICOLINO, 2014).

No campo de estudo sobre os idosos, observamos que ninguém envelhece de igual modo, o contexto sociocultural que eles estão inseridos diz muito sobre seus comportamentos, bem como sobre as definições de ser velho⁸:

O envelhecimento embora marcado por mutações biológicas visíveis, é também cercado por aspectos sociais que tornam as concepções sobre velhice variáveis de indivíduo para indivíduo, de cultura para cultura, de época para época. Deste modo, fica evidente a impossibilidade de pensarmos sobre o que significa ser velho, fora de um contexto histórico determinado (SECCO, 1997, p.12 *apud* MARAGONI, 2011, p.30).

Em decorrência as constantes alterações sociais, é possível imaginar a heterogeneidade de viver o envelhecimento. Deste modo, não há mais espaço para concepções que unifiquem o desenvolvimento humano, nem para abordagens que rotulem a velhice com fatores negativos (MARAGONI, 2011), estes que geram o preconceito, cuja prática é característica do sistema social vigente, logo, é desenvolvido desde a infância. Em busca de minimizar esta situação, existem documentos brasileiros que dedicam-se a regular os direitos do idosos na sociedade como, Política Nacional do Idoso, Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento e o Estatuto do Idoso, este garante que “ Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão⁹ de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da

⁶Nesta conjura, abandono pode ser interpretado como ausência física, como também de interação.

⁷Intitulação da velhice feita por Bosi (1987).

⁸Na Nigéria, por exemplo, uma mulher só é considerada idosa após o nascimento de um neto, na Índia, quando algum de seus filhos se casam e em outras culturas, quando a mulher entra na menopausa (LIMA, 2008)

⁹ Apesar do emprego desta palavra nesse contexto, acreditamos que o conhecimento não se transfere, criam-se possibilidades para a sua apropriação (RUBEM ALVES, 1997).

preservação da memória e da identidade culturais” (Lei nº 10.74/2003, Art. 21 § 2), bem como a implementação de conteúdo gerontológico nas escolas (2003, Art. 22). Desse modo, acreditamos que a junção destes dois tópicos contribuirá para a desmistificação dos estereótipos associados a velhice, bem como acrescentará no desenvolvimento do aluno e do idoso, pois sabemos que “o ser humano se constitui e se define na relação com outro e que nesse processo as identidades pessoais e grupais são construídas ao longo de toda a vida em um processo de desenvolvimento permanente e contínuo” (MARANGONI, 2011, p.22).

2.2 EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL: Interlocução comunidade e escola

A escola desempenha um papel relevante na vida de um cidadão, é nesta instituição que aprendemos conteúdos e desenvolvemos comportamentos que seriam inconcebíveis em outros contextos. Como centro de socialização de conhecimento, deve trabalhar por meio de temáticas que dialoguem com a realidade social vigente, com ênfase na desmistificação de preconceitos, sobretudo ageísmo¹⁰, pois, apesar do aumento significativo desse segmento etário, o idoso continua sendo marginalizado pela sociedade, devido a cultura jovem que está em vigor, exteriorizada “por símbolos como a liberdade, a beleza e a sensualidade” (BORGES; MAGALHÃES, 2011, p. 175). Por isso, é de extrema importância planejar sobre o envelhecimento no ambiente escolar, para que possam ser enfrentados os impasses concernentes ao convívio social (TODARO, 2009). No entanto, não são todos os educadores que possuem essa pretensão, pois é “rara a inclusão desse olhar na formação dos pedagogos” (ARROYO *apud* TODARO, 2009, p. 15). Como consequência, quando são oferecidas oportunidades que viabilizam o envelhecimento, seja nos Livros Didáticos, Paradidáticos, no dia Internacional do Idoso, pouco se faz, porque o não conhecer possibilita imagens negativas sobre o envelhecer.

Uma das alternativas eficazes para a modificação dessa imagem seria trabalhar, nas escolas, com o tema envelhecimento a partir de Programas Intergeracionais oferecidos pelas universidades¹¹ em conformidade com a comunidade, pois, “da mesma forma que a escola, para realizar eficazmente seu trabalho, precisa estar na comunidade, esta não pode estar ausente da escola” (PILETTI, 2004, p.100), devido as possibilidades de ensino-aprendizagem com sujeitos concretos e a relação entre sociedade e escola, cuja importância é imensurável para a construção de saberes e fazeres locais. Sáez (*apud* VILLAS-BOAS, *et al.* 2015, p. 31) define os projetos intergeracionais como,

Processos e procedimentos que se apoiam e se legitimam enfatizando a cooperação e interação entre duas ou mais gerações, assegurando a partilha de experiências, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, com o fim de aumentar os respetivos níveis de autoestima e autorrealização pessoal (SÁEZ, 2002: 104).

Posto isto, os programas intergeracionais têm respaldo teórico metodológico, com embasamento nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), quando se refere aos quatro pilares da educação, os quais intercalam entre si: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver com o outro, de modo que fortaleça sua identidade, bem como o respeito ao pluralismo. A educação brasileira, bem como as Políticas Públicas não impõem a obrigatoriedade desses projetos voltados à velhice, o que é lamentável, pois, eles colaboram para desmistificação de preconceitos, “contribuem para o estabelecimento de novos padrões de convivência entre as gerações, orientadas pelo respeito e pela solidariedade” (MARANGONI, 2011, p.40-41). Quando forem adotados nas escolas, os mediadores devem prezar os saberes de

¹⁰ Termo inglês, criado por Robert Neil Butler, em 1969, para se referir ao preconceito contra a pessoa idosa.

¹¹ Quando aparecidos, se restringem aos Projetos de Pesquisas e de Extensão.

todos os participantes, para que haja a concretização do ensino e aprendizagem entre as gerações. Vale ressaltar que, depois das vivências intergeracionais, os educadores poderiam trabalhar com a elaboração de gêneros textuais que proporcionem a comunicação entre os interlocutores, por exemplo, a carta pessoal, visando tanto a aproximação intergeracionais, quanto em termos da aquisição da língua escrita.

2.3 CARTA PESSOAL NA COMUNICAÇÃO INTERGERACIONAL

O trabalho com textos tem sido uma ferramenta congruente para a concretização do ensino-aprendizagem, no âmbito educacional. É a partir deles que nos aperfeiçoamos e desenvolvemos habilidades comunicativas, que seriam irrealizáveis se procedessem de palavras soltas, fora de contexto. Nesta perspectiva, um planejamento, que priorize o texto, deve abranger diferentes propostas de interlocução (OLIVEIRA, 2010), ou seja, deve alcançar os gêneros textuais, os quais, segundo Marcuschi (2007),

São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos (p.19).

Em uma simples retomada histórica, observamos que a expressão “gêneros” está em vigor desde o século XX, a partir dos estudos de Platão, entretanto, limitavam-se aos gêneros literários (MARCUSCHI, 2008). Atualmente, como vimos, se estende a diversas formas de comunicação, seja oral ou escrito, o que impossibilita o ensino de todos eles. Neste viés, os gêneros textuais possuem particularidades e funções específicas de acordo com a intenção discursiva e o meio de circulação de cada um, sendo assim, segundo a linha de pensamento de Bakhtin, os gêneros discursivos¹² são constituídos por um conteúdo temático, que é o sentido atribuído a um assunto, por uma construção composicional, como o texto é organizado/estruturado e por um estilo, escolhas linguísticas (FIORIN, 2016).

Guiado por este embasamento teórico, os PCN (1998) reconhecem a importância do ensino-aprendizagem através dos gêneros textuais e afirmam que o entendimento sobre eles deve ser visto como objeto a ser alcançado no decorrer do fundamental e médio. Deste modo, a abordagem deve partir de um contexto, de um propósito e de uma finalidade. A título de exemplo, mencionamos o gênero textual carta, à medida que for produzido, o aluno precisa ter consciência que existe um receptor real, para que desenvolvam a competência de escrever, bem como a competência comunicativa, a partir disso, os professores estariam promovendo o ensino pragmático¹³ e discursivo do alunado. Isto posto, entendemos que, a carta possui um grande valor de comunicação social, é considerada a principal forma de interação à distância desde a invenção da escrita. Apesar do advento da tecnologia, ela ainda persiste, tendo grande presença na vida cotidiana das pessoas:

As cartas [...] servem para a comunicação por escrito para um destinatário ausente. O destinatário pode ser uma pessoa ou um grupo de pessoas. Estes textos têm um grande valor social, pois são usados por todos, mesmo pelos que não sabem ler e escrever, que recorrem a outros para a escrita ou a leitura (ABREU, et al, 2000, p, 105).

¹²Para alguns autores, inclusive para Marcuschi (2008), as diferenças entre as expressões “gêneros textuais” e “gêneros discursivos” não são relevantes e podem usá-las intercambialmente.

¹³Teoria que promove à verdade, a partir da praticidade.

Desta forma, o gênero textual carta permite diversos tipos de comunicação e de secessões: carta do leitor, carta ao leitor, carta pessoal, carta comercial, carta aberta, carta pedido, entre outras. “Assim, esses tipos de cartas podem ser considerados como subgêneros do gênero maior ‘carta’, pois todos têm algo em comum- sua estrutura básica: a seção de contato, o núcleo da carta e a seção de despedida” (SILVA *apud* BEZERRA, 2007, p. 210). Considerando os aspectos dinâmicos desse gênero, observamos que a carta pessoal circula entre familiares e amigos, conseqüentemente, possui características informais e simplificada, “que pode conter uma sequência narrativa (contar uma historinha), uma argumentação (argumentar em função de algo), uma descrição (descrever uma situação) e assim por diante” (MARCUSCHI, 2007, p. 25). Quanto as diferenças de linguagem, Bakhtin traça duas perspectivas diferentes, os gêneros que apresentam informalidade, denomina de *primários*, e os que apresentam formalidade, denomina de *secundários*. Os primários são os gêneros que usamos no cotidiano, na produção de um bilhete, de uma piada; já os secundários pertencem à esfera da comunicação sistemática, aula expositiva, na escrita de uma monografia, entre outros (FIORIN, 2016). Sendo assim, a carta pessoal, como corpus de estudo deste artigo, agrupa-se nos gêneros discursivos primários, os quais são de extrema importância para a formação dos alunos, pois a partir deles, os professores podem abordar os secundários, visando sempre a interação social, bem como os aspectos linguísticos e discursivos.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se de campo, com análise interpretativa, fundamentada na abordagem qualitativa, uma vez que tentamos “descrever a complexidade de uma determinada hipótese, analisar a interação entre as variáveis e ainda interpretar os dados, fatos e teorias” (RODRIGUES E LIMENA, 2006, p. 90). Os dados gerados e construídos se referem a cartas pessoais, produzidas por idosas, frequentadoras do Clube de Mães, e por crianças, alunos do 5º ano de uma Escola Pública Municipal, obtidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 2017/2018) “Narrativas de Idosas e Aprendizagem Intergeracional: Da Escuta Rascunho as Palavras Cunhadas em Texto”, que está em vigor desde 2015.1, coordenado pela Professora Doutora Zélia Maria de Arruda Santiago, cujo propósito é repensar a convivência com as pessoas idosas por meio das aprendizagens intergeracionais compartilhadas nas interações de textos orais e escritos.

Após participar desse Projeto de Pesquisa e realizar leituras sobre a aprendizagem intergeracional nos currículos escolares (KACHAR, 2001; MARANGONI, 2011), como também sobre as demandas sociais e educacionais das pessoas idosas, através do Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003), surgiram as seguintes questões: (i) De que maneira a Universidade proporciona a aprendizagem intergeracional entre criança e idoso na comunidade? (ii) De que forma a criança e o idoso podem aprender por meio da escrita intergeracional? Estas questões inspiram o objetivo geral desta pesquisa que é analisar cartas pessoais, produzidas por crianças-idosas com a temática brinquedos e brincadeiras antigas e atuais, verificando-se registros de aprendizagens intergeracionais e da língua por meio da reescrita textual na sala de aula. Acredita-se na hipótese de que os Programas Intergeracionais oferecidos pela universidade aproximam gerações tendo em vista a valorização do respeito aos idosos no convívio intergeracional realizado por meio da língua escrita. Desse modo, tendo-se como objetivos específicos: (i) Oportunizar encontros intergeracionais entre crianças-idosas no Centro de Convivência “Clube de Mães”; (ii) Discutir a temática brinquedos e brincadeiras antigas e atuais no diálogo intergeracional; (iii) Proporcionar as crianças-idosas a produção do gênero textual carta pessoal na escrita intergeracional, ao registrarem suas aprendizagens compartilhadas no Grupo de Convivência “Clube de Mães”; (iv) Realizar a reescrita do gênero textual carta pessoal com os alunos do 5º ano em sala de aula, focalizando problemas da

aprendizagem gramatical da língua; (v) Reconhecer as narrativas intergeracionais, registradas em uma cartilha impressa e doada ao arquivo escolar, como suporte didático-pedagógico ao ensino da língua e a valorização das pessoas idosas na sociedade.

A justificada para a continuação da linha de pesquisa do Projeto “Narrativas de Idosas e Aprendizagem Intergeracional: Da Escuta Rascunho as Palavras Cunhadas em Texto”, dá-se quando da oportunidade de estagiar em escolas públicas, pude observar o silenciamento do idoso nos currículos mínimos para com o ensino formal, como também nos cronogramas de atividades de cursos extensivos, voltados à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Haja vista que os idosos estão presentes em Instituições que ofertam esse Programa, no entanto a denominação não os inclui, logo, sugerimos: Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), e pela carência de pesquisas com a temática escrita intergeracional no ambiente escolar, inspirada na interlocução escola-comunidade como fonte potencializadora de integração entre gerações.

Sendo aluna bolsista do PIBIC tive a oportunidade de conhecer os sujeitos desta pesquisa e ter acesso à produção do gênero textual carta pessoal, para isso, o Programa de Pesquisa possibilitou encontros intergeracionais, semanalmente, todos com um o intuito de proporcionar o contato entre as gerações, para então discutir o respeito a pessoa idosa.

3.1 LOCUS E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Conforme informes anteriores, esta pesquisa se realizou com diferentes gerações, idosas e criança, pertencentes a dois locais, por serem espaços sociais que circulam os saberes formais e informais, constituintes da formação e capacitação do ensino plural. A primeira parte desta pesquisa foi exercida no Grupo de Convivência Clube de Mães, organização filantrópica, onde associações comunitárias, sobretudo mulheres adultas e idosas, se reúnem em busca de aprendizagens referentes à cultura, à saúde e à arte. Em que, palestras educativas, artesanato, festas tradicionais, projetos e oficinas são oferecidas pelas colaboradoras, comunidade e Universidades. Neste local, também são realizados trabalhos que apoiam famílias carentes financeiramente, através de arrecadações de alimentos e emocionalmente, a partir de palavras de confortos. Está em funcionamento desde 1982, atualmente é coordenado por Maria de Lourdes Melo, com participação de 90 colaboradores, aproximadamente, dentre eles, doze idosas contribuíram para esta pesquisa. Na tabela 1, serão evidenciados os dados etários, escolar e profissionalizante destas:

Tabela 1: Perfil Social das idosas do Grupo de Convivência

Quantidade	Faixa Etária	Escolaridade	Gênero	Trabalha	Profissão		
12	60 – 81	Ensino Fundamental Completo: 1 Ensino Fundamental Incompleto: 3	Feminino	Sim	4	Cozinheira	1
						Professora	1
						Artesã	1
		Ensino Médio Completo: 1 Ensino Médio Incompleto: 2		Não	8	Enfermeira	1
						Dona do Lar	4
						Aposentada	4
Ensino Superior Completo: 5							

Fonte: Arquivos do pesquisador.

Como esperado, a tabela 1 mostra as diferenças existentes entre as idosas, tanto na faixa etária, quanto na escolaridade, o que refletiu na escrita intergeracional, haja vista que, o desenvolvimento verbal está atrelado a vários fatores e um deles é o nível de escolaridade do sujeito, como afirma Votre (2012, p. 51) “a escola gera mudanças na fala e na escrita das

peças que as frequentam e das comunidades discursivas. Consta-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades”.

A segunda parte da pesquisa foi realizada em uma Escola Pública Municipal, segundo o censo de 2018, a infraestrutura desta contempla os seguintes recursos: aceitabilidade para pessoas com deficiência, cozinha, alimentação escolar para os alunos, água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, esgoto da rede pública, lixo destinado à coleta periódica. Com relação às etapas de ensino, a escola possui: Educação Infantil, Ensino Fundamental, e Educação de Jovens e Adultos. As crianças colaboradoras desta pesquisa foram 19 alunos dessa Instituição, na tabela 2, serão evidenciados os dados etários, escolar e gênero das crianças:

Tabela 2: Perfil social dos alunos da Escola Pública Municipal

Quantidade	Faixa Etária	Série em curso	Gênero	
19	9 - 12	5º Ano	Feminino	10
			Masculino	9

Fonte: Arquivos do pesquisador

Observa-se que a faixa etária dos alunos do 5º ano varia entre 9-12 anos, no entanto, a RESOLUÇÃO Nº 3, de 3 de agosto de 2005¹⁴, Art.2º, afirma que o ensino fundamental I é obrigatório a partir dos seis anos de vida, logo a conclusão deste é de 10 anos. Ademais, essa diferença etária se justifica devido a repetência de um dos alunos, por dois anos consecutivos. Dois alunos voluntários do PIBIC, dos cursos de Pedagogia e Letras-Português (UEPB), também contribuíram para a realização desta pesquisa, tanto nos procedimentos que levaram a escrita, quanto na refacção do gênero textual carta pessoal.

3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA E DADOS DE ANÁLISE

Esta pesquisa resultou em quatorze encontros realizados semanalmente, de acordo com a disponibilidade dos participantes, os locais de pesquisa foram o Grupo de Convivência Clube de Mães e em uma Escola Pública Municipal. No primeiro, conhecemos os sujeitos, bem como a temática norteadora da pesquisa, elencamos alguns temas e pedimos que as idosas “votassem” em um deles, o mais solicitado seria o tema de abordagem. Os brinquedos e as brincadeiras ganharam destaques, o que possibilitou um trabalho interativo e instigante para ambas gerações. O segundo encontro foi destinado às idosas, demos início a temática, através de roda de conversas, as quais foram gravadas e transcritas, e com a produção individual do gênero textual lista, sobre os brinquedos e brincadeiras pertencentes a suas épocas. Após conferirmos o material gravado e o escrito das idosas, constatamos que alguns dos itens mencionados se assemelhavam, no entanto, alguns mudavam de nome, foi o caso da amarelinha/academia¹⁵. Como forma didática e proposta de aquisição da língua falada e escrita, sugerimos que as idosas, no terceiro encontro, escrevessem as definições dos brinquedos e brincadeiras de acordo com suas concepções, em sequência discutimos oralmente.

¹⁴ Disponível em < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb003_05.pdf.> Acesso em: 05 de outubro de 2019.

¹⁵ A brincadeira amarelinha/academia “consiste em jogar uma pedrinha ou outro objeto em uma das casas numeradas e, a seguir, percorrer, pulando com uma perna só, todo o caminho traçado sem pisar na casa marcada, e recolher a pedrinha na volta” Disponível em < <https://www.omo.com.br/se-sujar-faz-bem/brincadeiras/brincando-deamarelinha-conheca-a-historia.html>>. Acesso em: 25 de setembro de 2019.

A partir destes matérias, produzimos slides, e no quarto encontro, foram apresentados aos alunos e discutidos pelas idosas. As crianças ficaram altamente encantadas, principalmente com a brincadeira do grilo e com os brinquedos improvisados, tais como: cavalo de maxixe e a boneca de casca de melancia¹⁶. Após ter gerado uma discussão sobre as diferentes formas de se divertir, as crianças elaboraram listas que abrangeram os brinquedos e brincadeiras do seu cotidiano. Logo, este encontro possibilitou o primeiro contato entre idoso-criança, inserindo-os na escuta e no diálogo intergeracional.

As listas elaboradas no quarto encontro serviriam de embasamento para a elaboração de slides para o quinto. Neste, à medida que os brinquedos e as brincadeiras iam sendo projetados no *datashow*, os alunos explicavam e encenavam com as idosas, a exemplo o toca-gelo. O que fortaleceu mais os vínculos intergeracionais, desmistificando as limitações impostas pela sociedade. Em relação aos brinquedos, alguns levaram a reflexão das idosas, em destaque, o carrinho de controle remoto, cuja movimentação está em um controle e em outros tempos, estava em uma corda de *nylon*. Nesse aspecto, relacionaram tal transformação as evoluções tecnológicas, que ocorrem a todo instante, logo, associaram a necessidade de se integrar a essas modernidades.

Em busca de conhecermos a realidade familiar de cada aluno, no sexto encontro, realizamos um levantamento de quantas crianças conviviam com as suas avós e de quantas avós residiam em outras cidades. Após esta averiguação, constatamos a possibilidade de convidá-las para a culminância do projeto. Nesta perspectiva, confeccionamos convites (APÊNDICE A e B), e entregamos à professora titular, para serem entregues quinze dias antes da culminância. No sétimo encontro, a partir dos elementos motivacionais de escrita, até aqui propostos: escuta, diálogos, encenações e imagens, propomos as crianças que elaborassem com as idosas, o gênero textual carta pessoal, destinadas aos seus tutores, sobretudo aos seus avós, que abordassem os registros e experiências compartilhadas no Clube de Mães, para serem entregues no dia do encontro descrito no convite¹⁷. Vale ressaltar que propomos a escrita do gênero textual carta pessoal a pedido da professora titular da Escola, tendo em vista que os alunos estavam estudando sobre esse em sala de aula, logo, a estrutura deste gênero textual não foi discutida por nós monitores. Foram produzidas dezenove cartas pessoais em coautoria, as idosas contribuíram de forma significativa para essas produções, à medida que os alunos teciam o texto, ditavam palavras, relembavam os momentos vivenciados e isto estimulou a capacidade argumentativa dos alunos. Posteriormente, essas cartas intergeracionais foram registradas em uma cartilha impressa e doada ao arquivo escolar, como suporte didático-pedagógico ao ensino da língua e a valorização das pessoas idosas na sociedade.

Em sequência, o oitavo e o nono encontro foram destinados a confecção intergeracional de brinquedos, referidos a época das idosas, tais como: casinhas, sofás, televisões, cadeiras, boneca de milho, petecas, bola de meia, todos produzidos com matérias recicláveis. O objetivo desta atividade foi proporcionar o contato entre as duas gerações, desmitificar a ideia de que o idoso não tem nada a ensinar (TODARO, 2009), como também, trabalhar a imaginação das crianças através de matérias recicláveis. O décimo encontro foi destinado ao ensaio com fantoches, o qual tratava de um diálogo intergeracional sobre os brinquedos e brincadeiras de ambas gerações, cuja apresentação se concretizaria na culminância do projeto. Este encontro resultou na escuta interativa, no diálogo criativo e no trabalho com a oralidade (PCN, 1998), tão importante na formação dos alunos.

No décimo primeiro encontro foi destinado a refacção das cartas pessoais, como sugerem os PCN (1998). Desta vez, os alunos do 5º ano foram auxiliados pelos colaboradores do projeto, em sala de aula, explicamos o porquê da reescrita e de acordo com competências linguísticas sugeridas para este ano escolar apontamos incorreções compartilhadas e

¹⁶ Antigamente, as crianças produziam brinquedos a partir de vegetais e de cascas de frutas.

¹⁷ Situações concretas de interação comunicativas, como sugere Travaglia (2003).

específicas, através de acompanhamento em grupo e individualizado, o que gerou bons resultados, no entanto, alguns desvios a norma culta persistiram. Logo após a esse processo necessário de escrita, entregamos envelopes de cartas e ensinamos como devem ser preenchidos, respeitando a normalização proposta para envio. Em seguida, recolhemos as cartas, para serem entregues no dia da culminância do projeto.

O décimo terceiro encontro foi destinado à culminância do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC 2017/2018) “Narrativas de Idosas e Aprendizagem Intergeracional: Da Escuta Rascunho as Palavras Cunhadas em Texto”, esta contou com a presença do Pró-Reitor de extensão (UEPB), da diretora do Centro de Educação (UEPB), da chefe do Departamento de Letras e Artes (UEPB), do Coral Intergeracional (UFCG), das idosas do Clube de Mães, dos alunos de Letras, dos alunos da Escola Pública Municipal, bem como dos seus familiares e dos colaboradores do projeto. Em princípio, foi apresentado o projeto para os convidados e vídeos com atividades realizadas no projeto. Logo após, o Coral Intergeracional se apresentou; as crianças entregaram as cartas aos seus avôs/tutores; as idosas e as crianças realizaram a apresentação do diálogo intergeracionais com fantoches, intermediado por um dos colaboradores; depoimentos das idosas, dos alunos do 5º ano e dos colaboradores do projeto; exposição dos brinquedos confeccionados pelas idosas e crianças. Este encontro foi muito enriquecedor, possibilitou condições da aquisição da língua oral em situações concretas, discussões sobre a valorização das pessoas idosas na sociedade e na escola, e a importância deste olhar intergeracional na formação docente.

Devido aos desvios gramaticais persistentes na reescrita da carta pessoal, de ordem fonológica, morfológica e sintática, voltamos à Escola Municipal e sugerimos aos alunos uma segunda reescrita, nestas foram contabilizadas quatorze produções. Assim como na primeira refacção, foi dado ênfase as competências linguísticas sugeridas para o 5º ano, mesmo assim, alguns desvios gramaticais persistiram. Sendo assim, tivemos como material de análise a primeira escrita e a segunda reescrita, evidenciamos os desvios gramaticais mais recorrentes nas produções: uso inadequado da letra maiúscula e minúscula, emprego do “s” ao invés de “z”, supressão vocálica e consonantal, concordância verbal e nominal, pontuação e acentuação gráfica, assim como o respeito intergeracional.

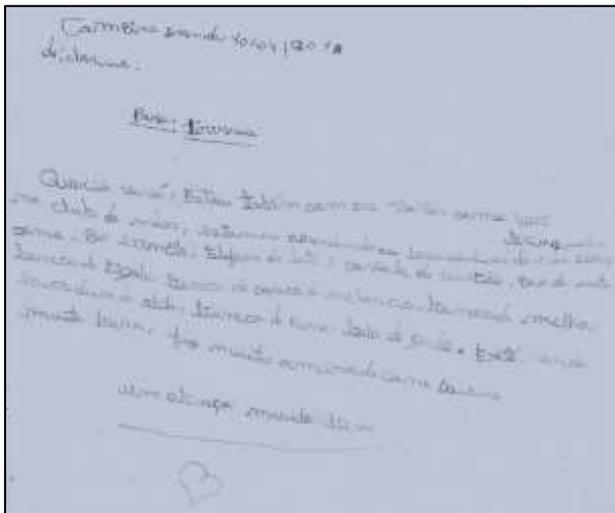
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 ESCRITA INTERGERACIONAL: Entrelaçando vozes da comunidade na escola

Este tópico propõe-se entender a criança e o idoso como grupos etários caracterizados pela pluralidade social, capazes de se desenvolverem na comunidade e de se reconstruírem através de processos dinâmicos, ricos em transformações, hábil em inseri-los em situações de mudanças atitudinais (TODARO, 2009; MARANGONI, 2011). Especificamente, temos como material de análise cartas pessoais construídas em coautoria por alunos do 5º de uma Escola Pública Municipal, e por idosas de um grupo de convivência Clube de Mães, e reconstruídas duas vezes pelas crianças com intervenções de monitores, as quais narram experiências compartilhadas sobre brinquedos e brincadeiras, que foram destinadas para seus tutores, sobretudo para suas avós. Logo, nosso objetivo é analisar a primeira produção, esta que foi copilada em uma cartilha como suporte didático-pedagógico ao ensino da língua e a valorização das pessoas idosas na sociedade, e a segunda reescrita, verificando aprendizagens intergeracionais, especificamente sobre os brinquedos e brincadeiras antigas e o respeito às pessoas idosas, assim como aspectos linguísticos, em termos da aquisição da língua escrita. Temos em vista que o estudo da gramática vai além dos conjuntos de regras, é uma organização dos enunciados nos diversos usos da língua. “Por outro lado, à escola, particularmente, cabe o papel de oferecer ao usuário da língua materna o que, fora dela, ele não tem: o bom exercício

da língua escrita e da norma-padrão” (NEVES, 2000, p.94). Foram contabilizadas dezenove escritas e quatorze reescritas, esta diferença numérica se justifica devido à ausência de cinco alunos no dia da segunda refacção. Nessas produções foram encontradas inadequações gramaticais fonológicas, morfológicas e sintáticas, no entanto, na refacção, demos ênfase as competências linguísticas sugeridas para o 5º ano, e na análise aos desvios gramaticais mais recorrentes nas produções: uso inadequado da letra maiúscula e minúscula, emprego do “s” ao invés de “z”, supressão vocálica e consonantal, concordância verbal e nominal, pontuação e acentuação gráfica. Evidenciados nas figuras de 1a a 5b, para melhor visualização a transcrição vem ao lado destas.

Figura 1



“Campina Grande, 10/04/2018

de: clarissa

para: teressia

Querida vovó, Estou também com as vovós como Você no clube de mães, estamos aprendendo as brincadeiras e brinquedos da sua época como, Por exemplo: telefone de lata, cavalo de pau, pião, pau de sebo, boneca de tijolo, boneca de casca de melancia, bonecade milho, brincadeira de Grilo, boneca de pano, bola de gude. Está sendo muito bom, fiz muita amisade como Daiane.

Um abraço muito bem”

Fonte: Projeto de pesquisa (2018)

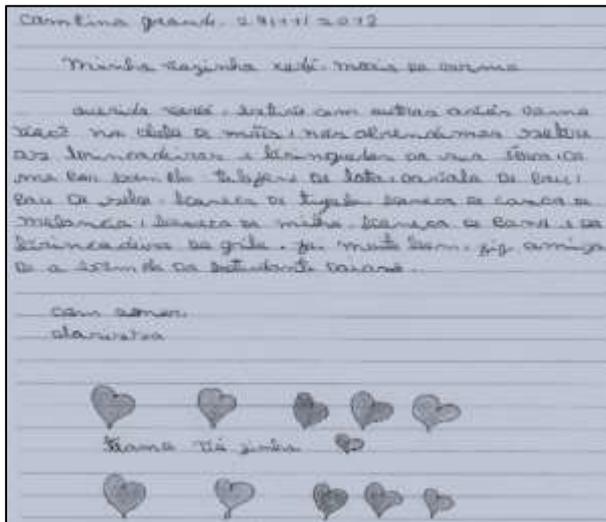
(Grifos nossos).

Nesta carta, a aluna narra para sua avó sobre os brinquedos e brincadeiras aprendidos no grupo de convivência Clube de Mães. Como todas as demais cartas, esta não possui uma contextualização referente a sua ida a esse local, mas pelo discurso “Estou também com as vovós como Você”, entende-se que a criança está em companhia de outras pessoas, as quais estão participando da mesma atividade intergeracional. Ainda neste seguimento, visualizamos uma comparação entre as idosas e a sua avó, mesmo esta possuindo laços afetivos com sua neta: “querida vovó”, a criança a assemelha com as idosas da comunidade. Isto se justifica devido a convivência, ao respeito, ao afeto recíproco e as aprendizagens compartilhadas entre elas (MARANGONI,2011), ao longo de escutas, diálogos e encenações de brincadeiras proporcionadas pelo Projeto Intergeracional. Em seguimento, os coautores relatam o que eles estavam fazendo no grupo de convivência: “estamos aprendendo as brincadeiras e brinquedos da sua época /.../”. Este mostra que o ensino e aprendizagem não acontecem apenas na escola com métodos formais, os alunos também se desenvolvem na comunidade (PILETTI, 2004), inclusive com o brincar (MOYLES, 2002). A partir dessa carta, verificamos que a temática “brinquedos e brincadeiras” ocasionou aprendizagens através de experiências extraescolar, bem como proporcionou um olhar positivo sobre o convívio intergeracional: “está sendo muito bom”.

Em relação aos aspectos linguísticos, uma das competências sugeridas para as séries iniciais é o uso adequado das letras minúsculas e maiúsculas, em decorrência a isto, intervimos nas produções intergeracionais os empregos destas. Observamos que em todas as cartas os coatores fizeram o uso inadequado dessas letras, explícitos nos nomes próprios: “de: clarissa” “para: teressia” e ao longo do texto em nomes comuns e em preposições: “/.../ como, Por

exemplo: telefone de lata, cavalo de pau, pião, pau de sebo /.../ brincadeira de Grilo. “(Figura 1). Na reescrita (Figura 1a), partimos dos textos dos alunos, como sugere os PCN (1998), para relembrarmos o uso adequado das letras minúsculas e maiúsculas, de acordo com a Gramática Normativa. Mesmo assim, as inadequações persistiram na refacção:

Figura 1a



“Campina Grande, 29/11/2018
Minha vizinha xodó, Maria Do carmo ¹⁸

Querida vovó, estive com outras avós como você no clube De mães, nós aprendemos sobre brincadeiras e brinquedos Da sua época, como por exemplo: telefone De lata, cavalo de pau, pau De sebo, boneca de tijolo, boneca de pano e Da brincadeira do grilo. foi muito bom, fiz amizade a exemplo Da estudante Daiane.

Com amor,
clarissa
teamo vó zinha”

Fonte: Projeto de pesquisa (2018)

Ao acompanharmos o processo de reescrita, observamos que as crianças entendiam o uso da letra minúscula e maiúscula, no entanto, algumas tinham dúvidas acerca das representações gráficas das letras, chegamos à essa conclusão após respondermos inúmeras vezes indagações sobre estas. Apesar da persistência de alguns deslizes gramaticais, observamos progresso ortográfico na reescrita, como se observa nos vocábulos “amisade” (Figura 1) e “amizade” (Figura 1a). É comum entre as crianças, falantes do português brasileiro, a troca dos fonemas /B/ e /P/, /D/ e /T/, /M e N/, /S/ e /Z/, algumas alternâncias mudam inclusive o significado das palavras, são os casos dos pares: “bata e pata; mata e nata, avô e avó, tia e dia, caça e casa” (ROBERTO, 2016, p. 22), em relação à palavra “amizade” o /z/ é a única realização possível, de acordo com o sistema fonológico adotado no Brasil. Visualizamos isto para a criança da figura 1 através do som do fonema /z/ na palavra em questão. Exemplos de ortografia como esses e de afetos com a pessoa idosa se encontram nas figuras 2 e 2a.

Figura 2

¹⁸ A criança iria escrever para sua avó materna (Figura 1), mas por questão de locomoção, ela reescreve para à paterna (Figura 2).

“Campina Grande 10 de abril de 2018
de: José isque
Para: maria da guia

Querida avó Querida falar sobre os Brinquedos de Quando as idosas eram crianças. elas Brincavam de amarelinha, boneca de Milnho, casinha, Pula coda, esconde esconde”

(Grifos nossos).

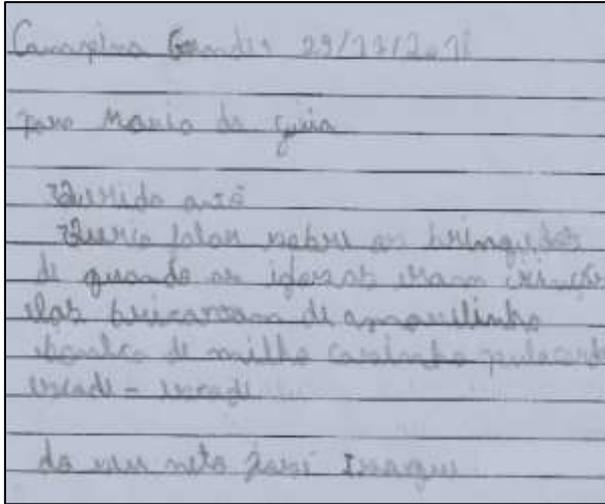
Fonte: Projeto de pesquisa (2018)

Nesta carta pessoal (figura 2), a criança deseja contar para sua avó sobre alguns brinquedos e brincadeiras mencionados pelas idosas durante o convívio intergeracional. Como se observa, o aluno faz uso de poucas palavras, mas de acordo com os estudos bakhtinianos: “O que marca as fronteiras do enunciado é a unidade de sentido” (SILVA, 2013). Em consonância com esses estudos, verificamos que o enunciado: “/.../ Quando as idosas eram crianças. elas brincavam de amarelinha /.../” (Figura 2), possui construções interpretativas que devem ser ressaltadas. Através deste fragmento, observamos que os alunos através do convívio intergeracional, dos diálogos e das atividades lúdicas, passaram a conhecer os objetos e os métodos que as idosas utilizavam para se divertirem, posteriormente reproduzidos, aprendidos e respeitados entre eles. Nesse mesmo fragmento, verificamos que o aluno percebeu que as idosas já tiveram à sua idade: “Quando as idosas eram crianças”, logo, ele terá, com o passar dos anos, a idade delas. Tendo em vista que é uma idosa que está auxiliando a escrita deste aluno, a percepção feita pela criança gera possibilidades do velho se colocar no lugar do novo e este se colocar no lugar do velho e assim gerar o respeito mútuo entre as gerações. Esta carta confirma o pressuposto de que o convívio intergeracional colabora “para desmitificar preconceitos e estereótipos de uns e outros, relativamente à juventude e a velhice” (MARANGONI, 2011, p. 40).

Em relação aos aspectos linguísticos presentes na figura 2, daremos ênfase aos desvios ortográficos das seguintes palavras: “isque” e “coda”. É comum que alguns vocábulos da língua portuguesa sofram alterações ao longo dos anos, podendo ser de ordem morfossintática, lexical e fonológica. Uma das mais frequentes desta é o “apagamento ou supressão de um segmento, seja ele uma vogal, consoante, semivogal, seja, até mesmo, uma sílaba inteira” (Roberto, 2016), muito recorrente na fala, mas que se estende na escrita durante o processo de alfabetização. A alteração vocabular por supressão pode ser classificada a partir da posição do elemento apagado, se for no início recebe o nome *aférese*, no interior de uma palavra, *síncope*, no final, *apócope*, junção de duas vogais, *crase* (CARVALHO, 1977), as palavras “isque” e “coda” servem de exemplo para o segundo. Observamos que o aluno no intuito de escrever seu nome “Isaque” faz supressão do fonema /a/ no meio do vocábulo, a partir disto, verificamos que a pronúncia “isque” para se referir a “Isaque”, não é comum pelos falantes, diferente da supressão por *aférese*: José > “Zé”. Desse modo, uma das justificativas para essa supressão pode ser encontrada no processo de alfabetização do aluno, tendo em vista que a criança aprende a escrever o seu nome ainda nessa fase, portanto essa competência já deveria ter sido alcançada por alunos do 5º ano. Na reescrita (figura 2a), levamos o aluno a refletir sobre o som e a escrita

do seu nome, o que ocasionou correção ortográfica, bem como o uso da letra maiúscula para substantivos próprios.

Figura 2a



“Campina Grande 29/17/2018
para Maria da Guia

Querida avó

Queria falar sobre os brinquedos de quando as idosas eram crianças. elas brincavam de amarelinha boneca de milho casinha pula corda escode- escode.

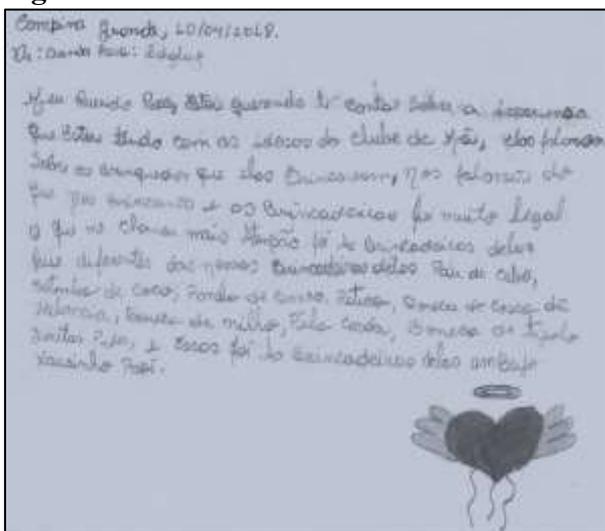
Do seu neto José Isaque”

(Grifos nossos).

Fonte: Projeto de pesquisa (2018)

Em relação à palavra “coda”, ao invés de “corda”, ocorre o mesmo processo de supressão por síncope, desta vez com a consoante “r”. O apagamento de róticos (sons com “r”) é muito comum na oralidade: padrinho > “padinho”; garfo > “gafo”, esses afastamentos entre a oralidade e código escrito resultam, principalmente nos períodos iniciais de aquisição da escrita, em desvios ortográficos (GONÇALVES; SILVA, 2014), visto que, os aluno em processo de alfabetização “têm tendência a escrever exatamente como se pronunciam as palavras” (COUTINHO, 2005, p. 61). Devido a isto, o ensino aprendizagem da língua materna deve ser respaldado nos diferentes usos da linguagem, nos diferentes contextos linguísticos, tendo em vista que algumas alterações ortográficas e morfológicas, como veremos mais adiante nas figuras 3 e 3a, resultam nos contextos sociais em que o aluno está inserido. Por isto, é de extrema significância que o professor proporcione o trabalho com produções e refações textuais, para que dificuldades gramaticais sejam superadas após reflexões sobre o uso da língua, como se visualiza na escrita do vocábulo “coda” (figura 2) e na reescrita (figura 2a) “corda”.

Figura 3



“Campina Grande, 10/04/2018

De: Brenda Para: Edgley

Meu querido papai, Estou querendo ti contar Sobre a isperiencia que Estou tendo com as idosas do clube de Mães, Elas falaram Sobre os Brinquedos que elas Brincavam, Nos falamus do que Nos brincamos e as brincadeiras foi muito legal o que me chamou mais Atenção foi As Brincadeiras delas Que diferentes das Nossas Brincadeiras delas Pau de cebo, catemba de coco, Panela de Barro, Peteca, Boneca de casca de Melancia, Boneca de milho, pula corda, Boneca de tijolo, soutar pipa, e essas foi As brincadeiras delas um Beijo xausinho Papi”

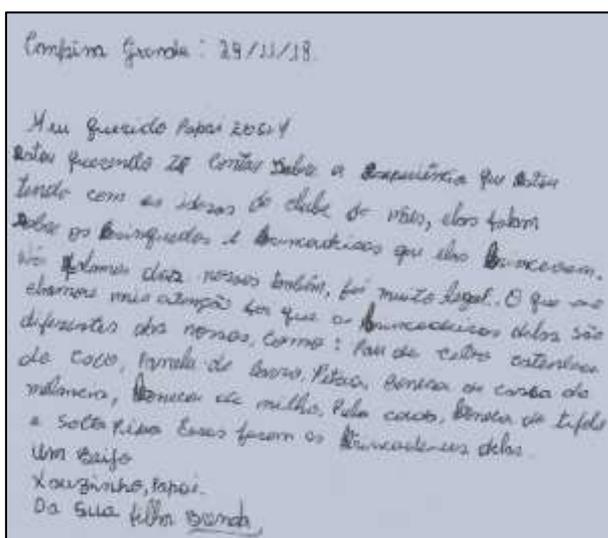
(Grifos nossos)

Fonte: Projeto de pesquisa (2018)

Esta carta, diferente das outras, é destinada ao pai da criança, nessa, os coautores narram sobre a vivência intergeracional, bem como algumas habilidades linguísticas desenvolvidas ao longo do Projeto, como a fala e a escuta: “/.../ Estou querendo ti contar Sobre a isperiencia que Estou tendo com as idosas /.../ Elas falaram Sobre os Brinquedos que elas Brincavam, Nos falamus do que Nos brincamos e as brincadeiras foi muito legal /.../” (Figura 3). Geralmente, é difícil identificar o ensino e aprendizagem através de atividades lúdicas (MOYLES, 2002), mas a partir desse fragmento, observamos que a aluna juntamente com as idosas compreendeu que o convívio intergeracional foi uma experiência positiva, ocasionada pela vivência, interação e diálogos sobre brinquedos e brincadeiras antigas e atuais. Em continuação com o fragmento citado: “/.../ o que me chamou mais Atenção foi as Brincadeiras delas Que diferentes das nossas brincadeiras /.../” (Figura 3), verificamos que a partir dos saberes e fazeres desenvolvidos nas atividades lúdicas, as crianças estabeleceram uma relação amigável com as idosas e com os métodos do brincar antigo e atual, observando que apesar de estes estarem vigentes na sociedade, esses continuam divertidos e legais. A partir desta escrita, em analogia, levamos a criança a refletir que os brinquedos e as brincadeiras antigas se assemelham com a velhice, tendo em vista que esta “supera atribuições cronológicas” (MARANGONI, 2011), assim como o brincar e o divertir.

Em relação aos aspectos gramaticais presentes nessa carta pessoal (Figura 3), daremos destaque aos usos da concordância gramatical, definida por Cegalla (2002), como: “princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem” (p.402), podendo ser de natureza nominal, nesta os pronomes, artigos, adjetivos e numerais concordam com o substantivo, e verbal, o verbo concorda com o substantivo em número, pessoa e grau. Segundo a gramática normativa, os coautores fizeram o uso inadequado tanto das concordâncias nominais, quanto da verbais: “/.../e as brincadeiras foi muito legal o que me chamou mais Atenção foi As Brincadeiras delas /.../” (Grifos nossos). Neste contexto, essas variações de ordem morfossintáticas podem ser justificadas a partir da interação verbal entre os coautores, tendo em vista que o sistema de concordância gramatical brasileiro, assim como vários outros fenômenos linguísticos, é passível de transformações durante o uso da fala. Por isso, é de extrema importância que o professor proporcione reflexões sobre o uso da Língua, para que o aluno saiba adequá-la conforme as diversas situações comunicativas (PCN, 1997), como propomos no momento da reescrita (Figura 3a).

Figura 3a



“Campina Grande: 29/11/2018

Meu querido papai Edgley

Estou querendo te contar sobre a experiência que estou tendo com as idosas do clube de Mães, elas falam sobre os brinquedos e brincadeiras que elas brincavam. Nós falamos das nossas também, foi muito legal. O que mais me chamou atenção foi que as brincadeiras delas São diferentes das nossas, como: pau de cebo catemba de coco, Panela de Barro, Peteca, Boneca de casca de melancia, boneca de milho, Pula corda, boneca de tijolo e Solta Pipa Essas foram as brincadeiras delas.

Um Beijo

Xauzinho, papai.

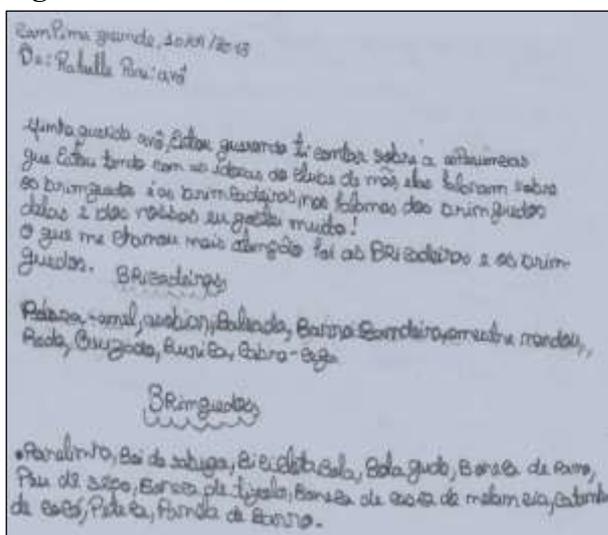
Da sua filha Brenda”

Fonte: Projeto de pesquisa (2018)

(Grifos nossos).

Ao reconstruir a carta pessoal pelo viés da norma culta, observamos que a criança refletiu sobre o uso da concordância verbal e nominal a partir das inadequações da primeira produção escrita, como vistas anteriormente, conforme evidenciadas nas seguintes orações: (1) “Nós falamos das nossas também, foi muito legal”, (2) “O que me chamou atenção foi que as brincadeiras São diferentes das nossas /.../” e (3) “/.../ Essas foram as brincadeiras delas”. De modo geral, verificamos que a criança harmonizou gramaticalmente seu texto concordando verbo com sujeito e substantivo com adjunto adnominal, esta de forma elíptica¹⁹: “foi muito legal”, observamos que a criança retoma e concorda com o substantivo “experiência” mesmo este distante do verbo irregular “IR”. Verificamos também que a aluna organizou seu texto com os sinais de pontuação, separou as orações coordenadas por vírgulas, fez uso dos dois pontos para iniciar uma enumeração e insolou o vocativo no final da carta. Desempenhos da aquisição da língua escrita como esses serão verificados nas figuras 4 e 4a, mas desta vez, daremos ênfase à acentuação gráfica.

Figura 4



“Campina Grande, 10/04/2018

De: Rafaelle Para avô

Minha querida avô, Estou querendo ti contar sobre a esperiência que Estou tendo com as idosas do clube de mãe, elas falaram Sobre os briguedos é as brincadeiras, Nós falamos dos briguedos delas e dos nossos eu gostei muito! o que me chamou mais atenção foi as Brincadeiras e os briguedos.

Brincadeiras

Passa-anel, assobiar, paleada, Barra Bandeira., mestre mandou, roda, quizado, burica, cabra-cega.

Bringuedos

Panelinha, Boi de sabugo, Bicicleta, Bola Gude, Boneca de Pano, Pau de sebo, Boneca de casca de melancia, catemba de cocó, Panela de Barro”

(Grifos nossos).

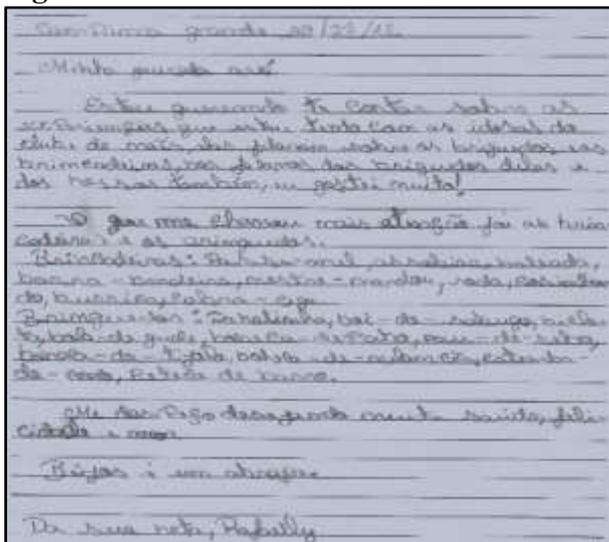
Fonte: Projeto de pesquisa (2018)

Como se observa, o texto da figura 4 se assemelha com o da figura 3, verificamos que nessas, as crianças escreveram em coautoria com a mesma idosa, as seguintes passagens comprovam isto: “Meu querido papai, Estou querendo ti contar Sobre a isperiencia que Estou tendo com as idosas do clube de Mães /.../” (Figura 3) “ Minha querida avô, Estou querendo te contar sobre a esperiência que Estou tendo com as idosas do clube de mãe” (Figura 4). Apesar desta simetria, verificamos na continuação destes trechos que as crianças foram subjetivas ao avaliarem as brincadeiras e a experiência com as idosas: “/.../e as brincadeiras foi muito legal /.../” (Figura 3) e “/.../ Nós falamos dos bringuedos delas e dos nossos eu gostei muito! /.../” (Figura 4). Estes mostram a voz das crianças na produção intergeracional, a partir das escolhas lexicais “legal” e “gostei”, o que nos comprovam que as crianças gostaram de conviver com as idosas, o que proporciona o respeito, pois, segundo Becker e Suardi (2013), “o processo de desenvolvimento moral de um sujeito tem por princípio a relação com o outro, e esta tem essência o respeito” (p.60).

¹⁹ Elipse é a expressão não mencionada na frase, mas que pode ser recuperada pela desinência ou pelo contexto.

Em relação aos desvios gramaticais presentes nessa carta (Figura 4), daremos ênfase ao uso do acento agudo e do circunflexo. Observamos que durante a escrita intergeracional algumas crianças tinham dúvidas sobre qual acento gráfico utilizar no vocábulo “avô”, outras sabiam como acentuar, pois relacionavam o acento circunflexo com o “chapéu do vovô”, logo, o agudo pertencia à “vovó”. No momento da reescrita (Figura 4a), após nos depararmos com a frase: “Minha querida avô” (Figura 4), levamos os alunos a refletirem sobre o emprego dos fonemas fechados /ô/ e dos abertos /á/, (CEGALLA, 2002), o resultado foi satisfatório:

Figura 4a



Fonte: Projeto de pesquisa (2018)

“Campina grande 29/11/18

Minha querida avô

Estou gueremdo te contar sobre as experiências que estou tendo com as idosas do clube de mães, elas falaram sobre os brinquedos e as brincadeiras, Nos falamos dos brinquedos delas e das nossas também, eu gostei muito!

O que me chamou mais atenção foi as brincadeiras e os brinquedos.

Brincadeiras: Passa-anel, assobiar, baleada, barra-bandeira, mestre-mandou, roda, cosinhado, burrica, cabra-cega, burrica, cabra-cega.

Brinquedos: Panelinha, boi-de-sabugo, bicicleta, bola-de-gude, boneca-de-pano, pau-de-sebo, boneca-de-tijolo, boneca-de-

melancia, catemba de coco, peteca de barro.

Me despeço desejando muita saúde, felicidade e amor.

Beijos é um abraço.

Da sua neta, Rafaelly”.

Como se verifica, a criança corrigiu a acentuação gráfica da palavra “avô” a partir de reflexões fonéticas, se tivéssemos atribuído o acento circunflexo ao “chapéu do vovô” e a ausência deste à “vovó”, em outras situações os alunos teriam dúvidas de qual acentuação usar. As crianças tiveram outras oportunidades de aprenderem saberes gramaticais através dessas atividades realizada no Projeto de Pesquisa, embora muitos deles já vistos em séries anteriores conforme o programa disciplinar da escola, conforme as atividades verifica-se que as crianças ainda convivem com inadequações gramaticais, a exemplo dos ortográficos.

5 CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa foram alcançados através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 2017/ 2018) “Narrativas de Idosas e Aprendizagem Intergeracional: Da Escuta Rascunho as Palavras Cunhadas em Texto”, gerados a partir de inquietações sobre a contribuição da Universidade para a aprendizagem intergeracional entre idosas de um Grupo de Convivência e alunos do 5º ano de uma Escola Municipal, por meio do convívio e da escrita. Retomando os objetos mencionados na introdução desta pesquisa, refletiremos sobre eles. Os encontros intergeracionais por ter como temática “brinquedos e brincadeiras antigas e atuais”, instigaram a curiosidade de ambas gerações, estes proporcionaram a aproximação entre elas, fala espontânea e escuta atenta. Verificamos também

que os brinquedos improvisados das idosas foram os mais que chamaram atenção das crianças, em relação as brincadeiras, as que envolviam o coletivo. Quanto aos brinquedos dessas, as idosas refletiram sobre os avanços tecnológicos, de como as coisas mudam com o passar dos tempos, independente se as pessoas acompanham ou não; a respeito das brincadeiras, as idosas relataram que estas exigiam uma disposição física, tendo em vista que, se não todas, mas a maioria envolvia o correr. Constatamos também que as crianças preferiam encenar as brincadeiras ao terem que falar sobre elas, as idosas falavam sobre e se sentiam motivadas a encenarem, afirmavam que fazendo isto, estariam vivenciando a infância outra vez. Verificamos que foi o entusiasmo de ambas gerações sobre a temática que as motivou a produzir os brinquedos antigos com materiais recicláveis. Através dessas atividades lúdicas, foi verificado empatia e respeito entre as gerações, a partir do cuidado, da cumplicidade nos momentos de encenações, escutas e diálogos.

Ao presenciarmos a escrita do gênero textual carta pessoal produzidas pelas crianças e idosas, verificamos que estas se surpreenderam com a dificuldade de escrita das crianças, alegando que no tempo delas o ensino era rígido, no entanto, os alunos aprendiam mais. Após essas cartas serem compiladas em uma cartilha impressa, os participantes se sentiram satisfeitos, principalmente por conferirem seus nomes, seus desenhos e suas letras.

No momento da primeira reescrita, verificamos que as crianças estavam inseguras, muitas das vezes sentiam vergonha de tirar dúvidas, observamos que isto afetou o desempenho dos alunos. Na segunda reescrita, os alunos se mostraram mais confiantes e à vontade com os monitores, o que gerou bons resultados, como nos mostrou a análise. No momento desta, contrastamos que algumas cartas se assemelhavam, mas que se diferenciavam gramaticalmente, isto dificultou a seleção dos dados, em consequência, para não sermos redundantes, escolhemos para análise apenas quatro cartas, tendo em vista os desvios gramaticais mais recorrentes.

Com essa pesquisa, concluímos que houve diferentes aprendizagens intergeracionais relacionadas aos brinquedos (bonecas de tijolo, sabugo, casca de melancia) e brincadeiras antigas (cadê o grilo? passar o anel, cantigas rodas etc.), bem como as atuais (carro de controle remoto, tablet etc.), além do respeito à pessoa idosa. Quanto a aquisição da língua escrita observou-se a reaprendizagem ortográficas (emprego das letras maiúscula e minúscula, uso das letras s e z), concordância verbal e nominal, pontuação e acentuação gráfica. Logo, os resultados deste estudo conseguiram responder as questões feitas na introdução deste, acerca da contribuição da Universidade e da escrita para a aprendizagem intergeracional entre criança e idosa na comunidade.

Dada a relevância desta pesquisa, torna-se essencial a inserção da temática do envelhecimento nas escolas, assim como de Projetos Intergeracionais. Não só porque está prescrito no Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003), nos PCN (1988) e nos DCNs (2013), mas porque a base de uma sociedade equilibrada é o respeito para com o outro e a educação. Passei a compartilhar deste pensamento após fazer parte do PIBIC “Narrativas de Idosas e Aprendizagem Intergeracional: Da Escuta Rascunho as Palavras Cunhadas em Texto”, o qual possibilitou-me enxergar que o respeito, a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro que nos direcionam ao caminho pacífico, com via para a desconstrução de preconceitos e com destino a educação permanente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Rosa; ARATANGY, C. R.; MINGUES, E.; DIAS, M.C.; DURANTE, M.; WEISZ, T. **Alfabetização**: livro do professor. Brasília: FUNDESCOLA/SEF-MEC, 2000.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BECKER, L. M.; SUARDI, Z. D. C. **Afetividade e construção do sentimento de respeito: O ponto de vista de cuidadores em núcleo de abrigos residenciais.** Revista eletrônica de psicologia e epistemologia genéticas. Marília – SP. v 5, n 2, ago-dez, 2013.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que catas do leitor em sala de aula? In. DIONISIO, Ângela Paiva et. al (Orgs). **Gêneros textuais & ensino.** 5. ed. Rio de janeiro: Lucerna, 2007.

BORGES, C. C; MAGALHAES, A. S. **Laços intergeracionais no contexto contemporâneo.** Estudos de psicologia. Anais. Rio de janeiro, PUC-RIO, 2011. p. 171-177.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos:** São Paulo: Companhia das letras, 1987.

BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Secretaria de Educação fundamental, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação.** Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.** 45. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

CARVALHO, Dolores Garcia. **Gramática histórica:** para o 2º grau e vestibular. 12 ed. São Paulo: Ática: 1977.

FARIA, Victor Nicolino, NICOLINO, Sonia Maria. **O significado do envelhecimento.** In: CAMPOS, Ana Cristina Viana; BERLEZI, Evelise Moraes; CORREA, Henrique da Mata (Orgs.). Envelhecimento um processo multidimensional. Ijuí: Unijuí, 2014.

FIORIN, J.L. **Introdução aos pensamentos de Bakhtin.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, F. G; SILVA, B. F. **Os segmentos róticos mútuas influências entre fala, escrita e percepção.** Contextos Linguísticos. Pelotas- RS, v. 8, n 10, p, 83-101 agosto 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KACHAR, Vitória. Longevidade: um novo desafio para a educação. SP. Corte, 2001.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever.** Estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA, Reginâmio de. **Memórias de velhos: Sobre terras e gentes.** Rio Branco (AC): Boni, 2008.

MARANGONI, J.F.C. **Meu tempo, seu tempo. Possibilidades de coeducação no relacionamento entre avós e netos.** Curitiba: Paraná: CRV, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais & ensino.** 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MORAIS, G, A; ALBUQUERQUE, C, B, E; LEAL, F, T (org). Alfabetização apropriação do sistema de escrita alfabética. *In:* COUINHO, L, M. **Psicogênese da língua escrita; O quê é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores.** Belo Horizonte, Autêntica, 2005. p. 47-68.

MOYLES, Janet R. **Só brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português.** São Paulo: ed.da Unesp, 2000.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PILETTI, Nelson. **Sociologia da educação.** São Paulo: Ática, 2004.

PRETI, Dino. **A linguagem dos idosos.** São Paulo: Contexto, 1991.

ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório.** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (Orgs.). **Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas.** Brasília: Líber Livros Editora, 2006.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2007

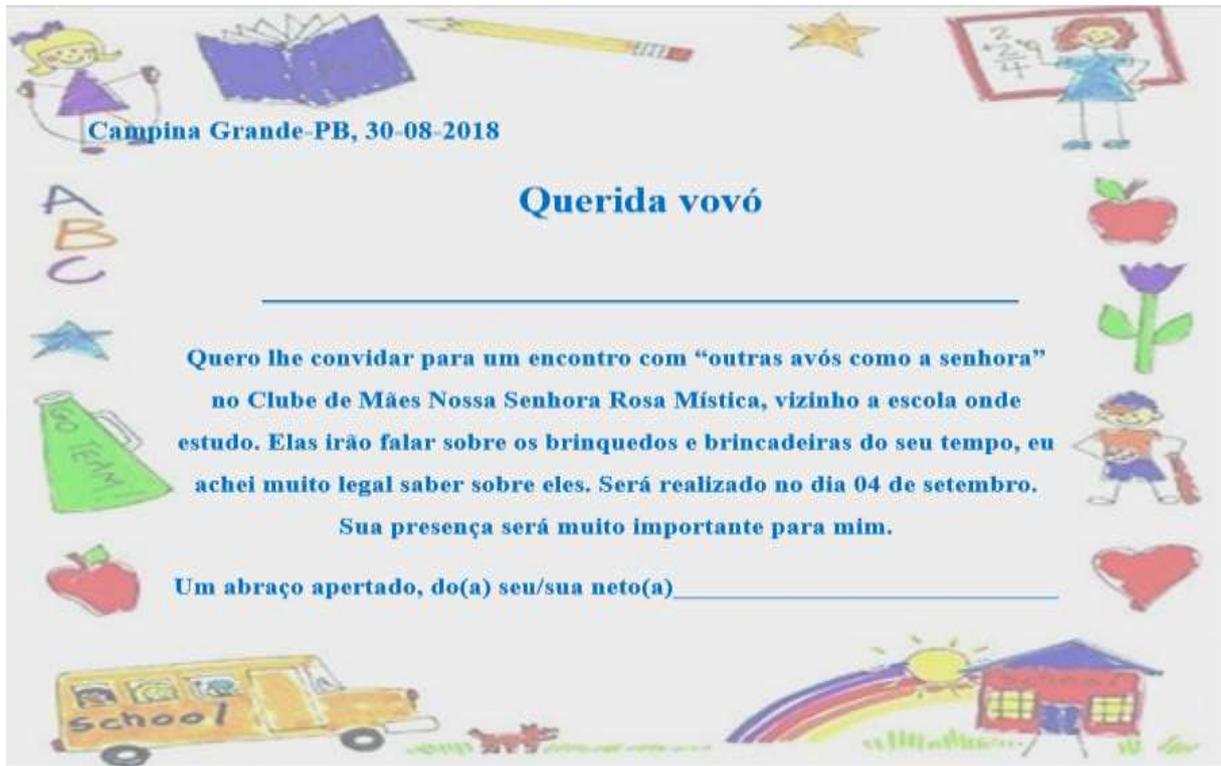
SOUZA, A da Silva. **Educação e cuidado nas relações intergeracionais.** Memorialidades, Feira de Santana BA. n. 26, jul, p. 119-139, dez. 2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural.** São Paulo: Cortez, 2003.

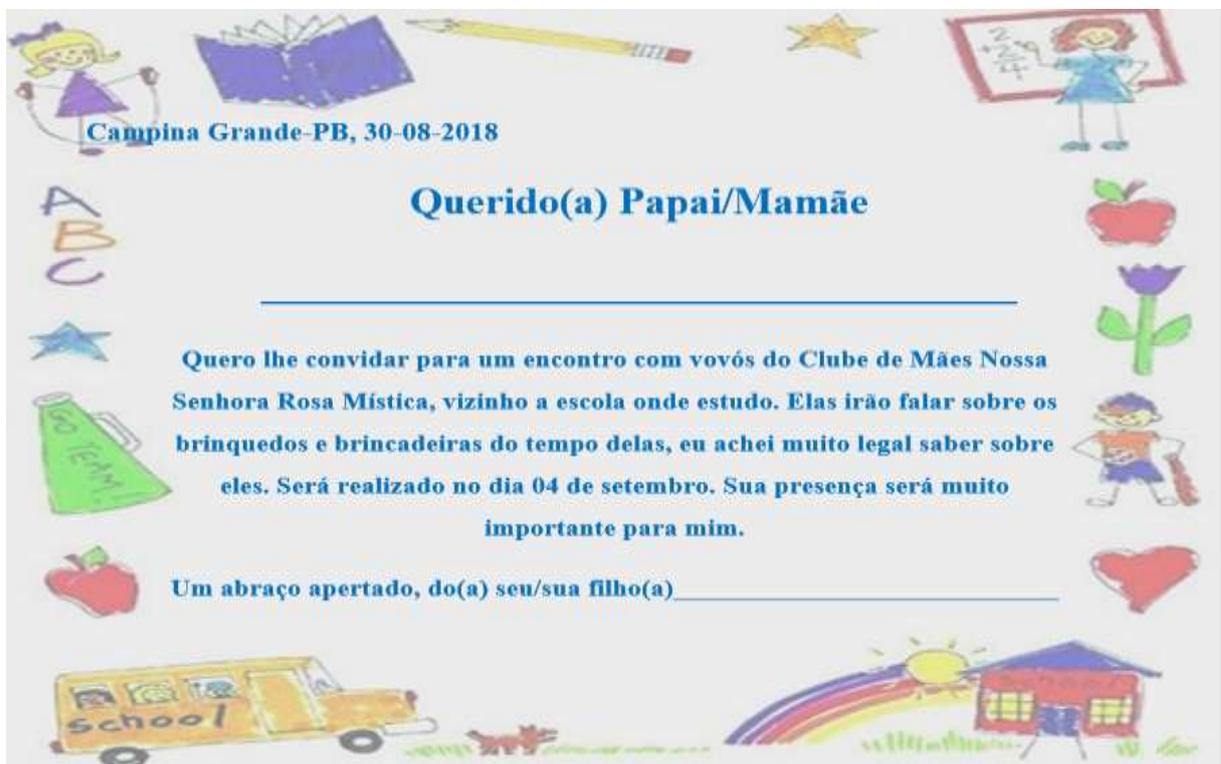
VILLAS-BOAS, Susana; OLIVEIRA Albertina; RAMOS, Natália; MONTERO Inmaculada. ELABORAÇÃO DE PROGRAMAS INTERGERACIONAIS: O desenho do perfil comunitário. **Educação, Sociedade & Culturas**, nº44. p. 31-47, 2015.

VOTRE, S. J. Escolaridade. In: MOLLICA, M. C. (Org.). **Introdução à sociolinguística variacionista.** Cadernos didáticos. 2. ed. Rio de Janeiro-RJ, UFRJ, 1992, p. 51-58.

APÊNDICE A- CONVITE PARA AVÓ



APÊNDICE B – CONVITE PARA OS PAIS



AGRADECIMENTOS

A Deus, o professor dos professores, por sempre ter guiado os meus passos e ter permitido eu chegar até aqui.

À minha mãe Maria do Livramento, meu primeiro grande amor, por sempre ter acreditado em mim e nos meus sonhos, este Trabalho de Conclusão de Curso é resultado da sua fé e das suas orações. Eu te amo.

Ao meu pai Antônio Francisco por sempre ter investido nos meus sonhos e nos meus estudos.

Ao meu noivo Pedro Lucas, pelo amor, companheirismo e por sonhar os meus sonhos.

À minha irmã Vanessa Xavier, pelo incentivo de sempre.

Ao Pr. Fábio Barbosa e à Miss. Jaciana Barbosa, pelas orações e pelo encorajamento.

À orientadora deste trabalho, Prof^a. Dr^a. Zélia Maria de Arruda Santiago, pelas orientações ao longo do texto, pelos conselhos, aprendizagens e pela amizade.

Aos alunos colaboradores desta pesquisa, em especial, à Jéssica Barbosa.

Às membras da banca, Profa. Me. Amasile Coelho Lisboa Sousa, Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, por terem aceito o convite de examinar este trabalho.

Ao grupo de Convivência Clube de Mães e à Escola Municipal, por terem permitido a realização desta pesquisa.

Ao CNPq por ter investido nesta pesquisa.